

■ OPINIÃO

Economia - Brasil

A política contamina a economia

José Negreiros*

No início do segundo mandato, ainda se ouvia o barulho da comemoração do sucesso eleitoral do PSDB, quando o presidente Fernando Henrique desvalorizou o real para enfrentar uma das piores crises cambiais que o Brasil enfrenta ciclicamente. Pagou um alto custo político, pois o cidadão comum, que passou quatro anos embriagado pelo populismo cambial, dormiu ganhando R\$ 3.000 e acordou com um salário de US\$ 1.500. O eleitor vingou-se liquidando a popularidade de FHC, que demorou dois anos para recuperar os 30% atuais dos quais se orgulha.

Foi um exemplo muito expressivo de como uma crise econômica pode afetar a política, impedindo até hoje o presidente de exercer o segundo mandato na plenitude. FHC tinha um bom programa (a defesa do real), origem de seu poder político, mas estava com a economia minada. Altos déficits fiscais foram associados à crise russa de pagamentos, empurrando o país para uma negociação difícil com o Fundo Monetário Internacional.

Estava tudo bem com a política, onde o poder do presidente era alimentado por seguidas vitórias no Congresso, com a quebra dos monopólios do petróleo e das comunicações,



José Negreiros

aprovação das reformas administrativa e previdenciária e a adoção da reeleição. Depois de um começo confuso, quando Fernando Henrique demorou a trocar o papel de ministro da Fazenda pelo de presidente, logo ele pôs o bico tucano na frase "é fácil governar o Brasil".

Sem que o público percebesse, foi se formando aos poucos um ambiente hostil à economia, a princípio isolado pelas declarações otimistas das autoridades monetárias, com os clássicos argumentos de que déficit se financia, desde que de tamanho razoável. A moratória da Rússia sepultou esse truque, mas FHC e equipe tiveram enorme êxito numa de suas especialidades: tirar um fato de circulação na base do silêncio. Simplesmente ignorar a sua existência, não importa sua relevância.

Quando as reservas internacionais foram submetidas a violento ataque especulativo, a economia contaminou definitivamente a política. O presiden-

te perdeu autonomia num processo caótico, em que - de forma semelhante ao que acontece hoje na Argentina - em apenas um mês o Brasil teve três presidentes do Banco Central, Pedro Malan esteve em cheque no Ministério da Fazenda, e o próprio FHC perdeu o rumo que diz conservar desde que chegou ao Palácio do Planalto. O que assistimos hoje em dia é o inverso. Uma crise política, que segundo a teoria do próprio presidente, é feita de vento, foi crescendo e de repente está às vésperas de se tornar uma crise econômica.

Se acontecer, virá na pior época para o País. Justamente no momento em que a economia colhe os frutos de uma política de estabilização que impôs pesados sacrifícios a todos nos últimos dois anos. Além de um duro ajuste fiscal traduzido em superávit primário de 3% do PIB, veio a rigorosa negociação da dívida dos estados e a camisa de força da Lei de Responsabilidade Fiscal. Graças às boas notas tiradas pela sociedade no conjunto desses quesitos, mudou o conceito do Brasil junto aos donos do dinheiro, que só liberam dólares em troca de bom comportamento.

Ninguém percebeu, novamente, o vírus que se instalava no organismo sadio. Ao lado do êxito da política de Arminio Fraga (BC) e Pedro Malan surgiu um monstro que se alimentou de equívocos: o veto de An-

tonio Carlos Magalhães à candidatura do presidente do PMDB, senador Jader Barbalho, de fato o pior nome governista para disputar a Presidência do Senado. Nenhum valor realmente relevante esteve em questão nessa briga, salvo o direito ao segundo lugar na aliança conservadora que disputará a manutenção do cargo de presidente da República em 2002.

Com o Congresso envolvido no escândalo ACM X Jader e a agenda política congelada, os anticorpos foram baixando e o organismo perdendo suas defesas, baseadas no respeito aos fundamentos econômicos. Além disso, o meio ambiente tem colaborado com a crise. A recessão americana reduz a capacidade de geração de dólares do Brasil por intermédio da balança comercial e a confusão argentina nos ameaça com o seu contágio. Dólar caro e bolsa em queda tornaram-se um rotina na última semana.

Em ambos os países, foram tomadas medidas recente, numa tentativa de inverter a tendência negativa do momento. No Brasil, ainda não são claros os sinais de reação que governo e Congresso ensaiam em meio a uma tensão muito maior: a possibilidade de criação de uma CPI para investigar denúncias de corrupção no governo.

José Negreiros é jornalista, editor do site "Brasil em Tempo Real" (emtemporeal.com.br).